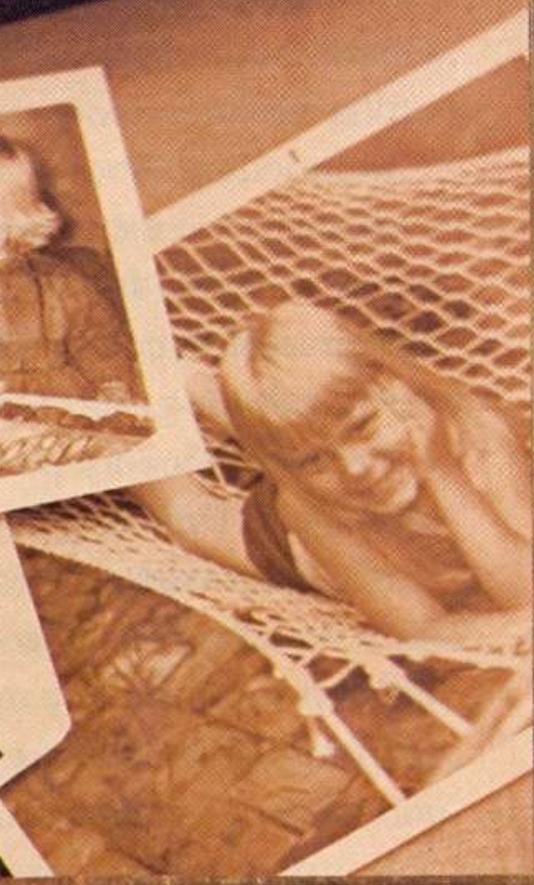
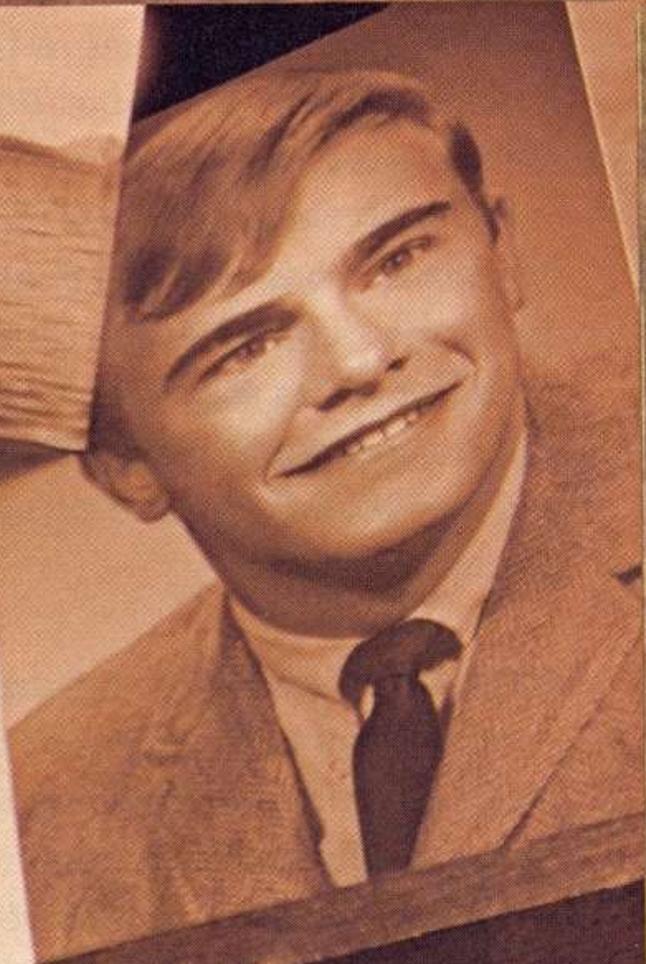


Mês de milagres

* Pessoas e histórias reais

Presente tardio

Quando eu era criança, adorava meu irmão mais velho, Kemper. Ele era um amigo fiel, que sempre enfrentava os valentões e protegia as três irmãs. Era o máximo; tudo que fazia era empolgante. Quando meus pais viajavam, dava festas tão grandes que parecia que o mundo inteiro tinha sido convidado.



Todos o amavam, mas os problemas também sabiam onde encontrá-lo.

Em 1967, alistou-se nos Fuzileiros Navais e foi para o Vietnã. Aos 20 anos já presenciara a dizimação de seu pelotão.

Quando voltou para casa, estava mudado. Quieto, não se interessou pela festa de boas-vindas que meus pais queriam oferecer. Tampouco se entusiasmou com o Fusca 69 que lhe deram envolvido num grande laço. Passou os anos seguintes tentando se adaptar.

Não conseguiu. Em 1977 ele se matou, deixando um bilhete em que pedia perdão. Sua morte destruiu minha família. Meus pais se divorciaram e eu fiquei arrasada.

NUM DIA ENSOLARADO, uma semana antes do Natal de 2001, eu estava fazendo compras e liguei para casa, a fim de saber de meu filho. “Mãe, uma mulher telefonou e disse que foi contratada por um tribunal para encontrar você. Tem algo a ver com seu irmão.”

Liguei no mesmo instante para ela. “Tenho motivos para acreditar”, começou ela, “que a senhora é parente biológica de uma mulher nascida em 21 de outubro de 1965, que está procurando informações médicas. Tem conhecimento de que seu irmão é pai de uma criança nascida em 1965? Alô?” Fiquei tão chocada que não consegui responder.

A namorada de meu irmão tinha engravidado quando eles estavam no secundário, e nem ele nem meus pais jamais contaram a ninguém. Agora a filha dele nos procurava. Fiquei sentada no carro, chorando.

Bonnie Jan Phoenix teve uma infância feliz. Seus pais eram carinhosos e protetores – exatamente o tipo de pais adotivos que Kemper e sua namorada assustada teriam desejado. Mas, aos 34 anos, Bonnie decidiu que chegara o momento de resolver o mistério de sua origem e começou a pesquisar.

Três anos depois, no dia em que ela entrou na casa de minha mãe, fiquei estupefata. Uma estranha que era a imagem de meu irmão – o nariz, a boca, os olhos azuis-esverdeados. Parecia um anjo, parada na entrada ensolarada. *Ele a mandou para nós, pensei, para que a amássemos em seu lugar.*

Eu me apresentei e, quando dei por mim, ela estava me abraçando. Levou uma caixa cheia de fotos dela quando criança – brincando com um bichinho de estimação, balançando-se na rede. Uma criança alegre, radiante.

Nos dias e semanas subseqüentes ao meu encontro com Bonnie, perce-

bi que um peso começava a se dissolver. Era a raiva que eu sentira durante anos e nunca quisera reconhecer. Tinha raiva de meu irmão por ele ter se suicidado. O casamento de meus pais desmoronou e eu e minhas irmãs estávamos sempre preocupadas, achando que as dificuldades da vida poderiam ser demais para nossos filhos. Durante 25 anos a morte do meu irmão e o modo como ela se deu nos atormentaram a todos.

Até que Bonnie nos encontrou e me fez voltar a acreditar em finais felizes. Fez-me perdoá-lo.

ELIZABETH WESTFALL FLYNN

Encontros marcados

RECÉM-SAÍDA da residência médica, mudei-me para a Califórnia, e fui trabalhar no pronto-socorro do hospital de uma pequena comunidade. Ninguém queria trabalhar na véspera de Natal e, como eu era a mais nova do grupo, o ingrato plantão coube a mim. Despedi-me de minha família e fui passar a noite no hospital.

Às 21 horas a ambulância trouxe um homem de seus 60 anos sofrendo um ataque cardíaco. Seu rosto estava pálido, acinzentado, e ele parecia muito assustado. No início dos anos 80, as drogas anticoagulantes não eram facilmente obtidas. Fiz o que pude e, embora instável, o paciente resistiu. Depois o transferimos do pronto-socorro para a UTI.

De manhã, antes de sair para passar o dia de Natal com minha família, fui ver como ele estava. Sua condição ainda era grave, mas ele sobrevivera à noite e dormia.

Diferentemente dos outros médicos, os do pronto-socorro não estabelecem um relacionamento com os pacientes. Recebemos os que adoecem de repente, os feridos, que muitas vezes estão apavorados. Passam por nós e se vão. Raramente tornamos a vê-los. Assim, não pensei mais em meu paciente cardíaco.

No ano seguinte, sendo ainda a mais jovem do grupo, novamente fiquei de plantão na véspera de Natal. Às 21 horas em ponto, a atendente da enfermaria me avisou que um casal queria falar comigo. Quando me aproximei deles, o homem se apresentou como Sr. Lee, dizendo: “Você provavelmente não se lembra de mim, mas na véspera do Natal passado você salvou minha vida. Obrigado pelo ano que me deu.” Ele e a mulher me abraçaram, deram-me um pequeno presente e se foram. Fiquei surpresa e comovida.



No ano seguinte, um novo médico se juntara ao grupo e eu poderia passar com minha família a véspera de Natal. No entanto, eu queria ver se o Sr. e a Sra. Lee voltariam. Dessa vez, ofereci-me para o plantão.

Mais uma vez, exatamente às 21 horas, os Lees chegaram, trazendo o mais novo neto nos braços. Nós nos abraçamos e o Sr. Lee prometeu me visitar todas as vésperas de Natal. Se ele não aparecesse, eu saberia que era o fim.

Trabalhei no pronto-socorro nas dez vésperas de Natal seguintes, e embora atendesse um grande número de pacientes, nunca houve alguém como o Sr. Lee. Todos os anos, às 21 horas, ele aparecia, por duas vezes com netos recém-nascidos. Num ano ele trouxe o bisneto.

O Sr. Lee, sua família e eu nos encontramos 13 vésperas de Natal. Nos últimos anos todo o hospital sabia do ritual e dava um jeito para que eu ficasse algum tempo com ele na sala de descanso. Naquele pequeno local, passávamos meia hora toda noite de Natal.

Na última vez que o vi, ele me levou um presente. Desembrulhei o pacote e encontrei um sino de cristal com uma única palavra gravada: amizade.

O Sr. Lee morreu no ano seguinte, na época em que me mudei para o

Colorado. Agora minha família, meus amigos e eu tocamos aquele sino toda véspera de Natal, exatamente às 21 horas, e brindamos ao homem que nunca se esqueceu de agradecer.

DRA. LEANDRA LYNCH, Medical Economics

Uma nova luz

OS MARKOVITZ eram uma das poucas famílias judias num bairro sossegado da Pensilvânia, onde os enfeites de Natal iluminavam a rua. Na casa deles, porém, um candelabro iluminado – a menorá – na janela lembrava a todos que também era a festa judaica Hanukkah.

Um dia, por volta das 5 horas, Judy Markovitz foi despertada pelo barulho de vidro quebrado. “Meu marido e eu descemos correndo e vimos que a janela fora quebrada. A menorá estava no chão, a moldura em pedaços. Devem ter usado um bastão. Quem fez aquilo teve de se espremer por trás dos arbustos para alcançá-la.”

Para a família Markovitz, era uma agressão agravada por sua história pessoal. “Meus pais e minha sogra estiveram em Auschwitz”, explicou Judy, que seguiu da Ucrânia para os Estados Unidos em 1974. “Toda a família de minha mãe morreu. Sei que pessoas mais velhas, como ela, precisam se sentir seguras, por isso não lhe contei sobre o incidente. E tentei proteger meus filhos também. Naquele dia passamos grande parte do tempo em casa, porque meu marido teve de mandar trocar a janela. Os vizinhos vieram nos dizer como lamentavam o ocorrido.”

Uma dessas vizinhas, Lisa Keeling, que hoje mora na Carolina do Norte, explicou seu raciocínio. “Sei que a menorá representa um milagre de Deus antes que nossa fé fosse conhecida como Cristianismo. Sei que houve um rei que disse aos judeus que eles não podiam praticar sua religião. Quando eles recuperaram Jerusalém e viram que o Templo havia sido profanado, quiseram reconsagrá-lo, mas só encontraram um pouco de óleo, o suficiente apenas para uma noite. Resolveram usá-lo assim mesmo e ele ardeu durante oito noites. Foi um milagre do mesmo Deus que louvamos. O que não compreendo é por que alguém haveria de pegar um símbolo de seu amor e usá-lo para o ódio.”

Havia coisas que os Markovitz também não compreendiam. Depois que a janela quebrada foi consertada, a família foi para a casa do irmão de Judy, sem saber que os vizinhos estavam trabalhando em outros reparos.



Naquela noite, quando os Markovitz voltaram da visita e entraram na rua, tiveram uma visão extraordinária: quase todas as casas no quarteirão estavam adornadas por uma menorá iluminada.

Vicky Markovitz, filha de Judy, hoje com 18 anos, recorda-se daquelas janelas reluzentes como uma afirmação de compaixão e espírito comunitário. “Foi como se dissessem: ‘Se quebrarem as janelas deles, terão de quebrar as nossas também.’” E a luz se espalhou. JOE FITZGERALD, Boston Herald

Presente perfeito

PERRY BICE desligou o motor, mas permaneceu ao volante. Estacionada na entrada da sua garagem estava uma *van* adaptada para cadeira de rodas, com um imenso laço vermelho e dourado atravessado no pára-brisa. Bice começou a soluçar.

“Por que o papai está chorando?”, perguntou Branson, 9 anos. Saindo correndo do carro, nem ligou para a *van*; tinha avistado a cama elástica e a cesta de basquete junto à rampa para cadeira de rodas recém-construída.

Ainda era cedo no dia de Natal de 2001. A família Bice, porém, já havia sido abençoada além de seus sonhos mais fantásticos, graças a um grupo de voluntários anônimos da região de Kansas City: os Elfos do Presente de Natal.

Os Bices já tinham recebido mais do que seu quinhão de sofrimento. No espaço de apenas alguns anos o motor do carro de Perry fundiu e um incêndio destruiu a casa em que morava com a mulher, Kathrine, e os filhos. E, ainda por cima, Perry perdeu o emprego.

No entanto, problemas ainda mais graves estavam por vir. Quando a mãe de Kathrine morreu de repente, exames revelaram uma doença rara e ajudaram a desvendar um mistério médico na família. Os especialistas finalmente conseguiram diagnosticar o que havia de errado com Rishonn, a filha caçula: ela sofria de doença mitocondrial, distúrbio genético que pode ficar latente durante anos ou acabar com uma vida em semanas.

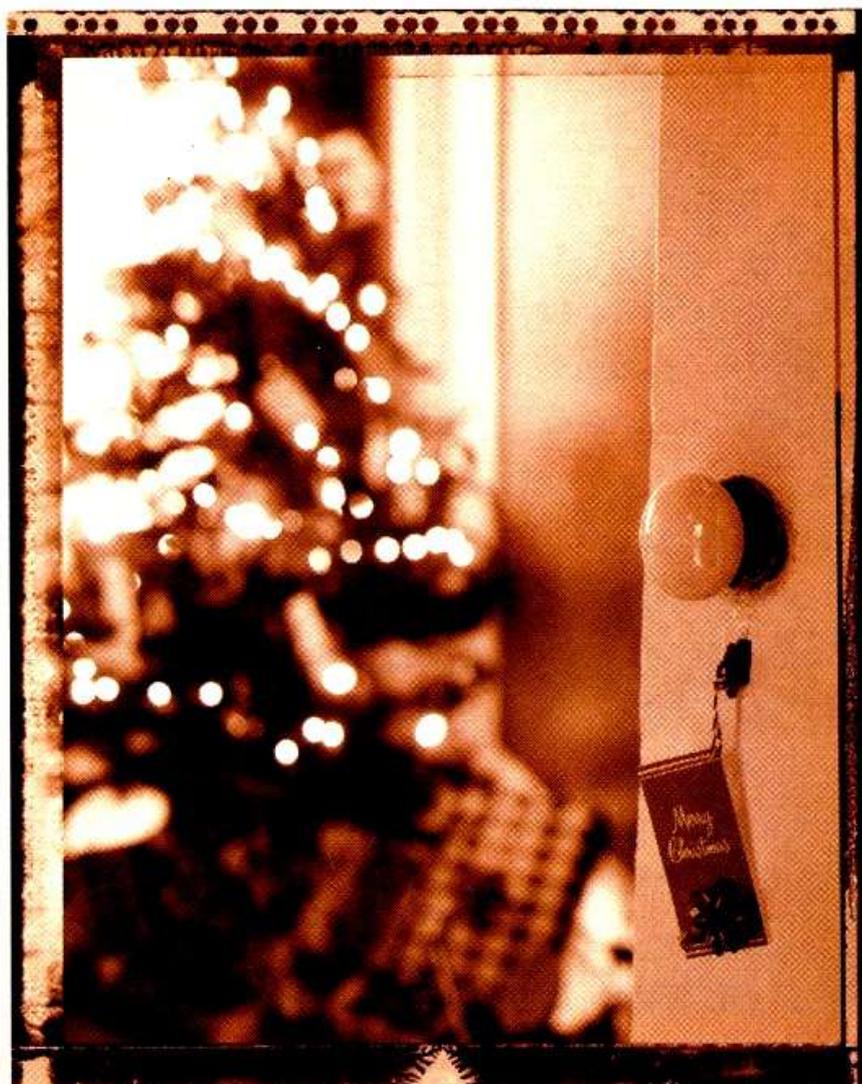
POUCO DEPOIS os Bices descobriram que Chambris, a filha mais velha, também estava doente. Em seguida, o exame de Mishayla deu positivo. Dois outros filhos, Branson e Talaessa, eram saudáveis. Kathrine era a portadora. Durante meses o casal viveu em meio ao sofrimento, à negação e noites insones, enquanto a doença destruía a vida das crianças. Rishonn, 3 anos, morreu logo após o diagnóstico, em 1999.

Às vezes, Perry, um homem profundamente religioso, revoltava-se contra Deus. Mas nem ele nem Kathrine jamais se deixaram abater pela amargura. “Encontramos um Deus que cuida de nós com carinho”, explica ela.

E ficaram gratos quando, duas semanas antes do Natal, um homem, que se identificou apenas como chefe dos elfos, foi ao apartamento deles e perguntou se podia levar presentes para as crianças. Perry e Kathrine concordaram, sabendo que os filhos iam adorar a surpresa.

O que os Bices não sabiam era que, na véspera de Natal, uma turma de elfos foi despachada para a casinha que o casal conseguira comprar recentemente. Embora tivessem fechado o negócio dois dias antes, não receberam a chave (o corretor de imóveis estava de combinação com os elfos).

O carpete velho foi retirado e instalaram novos tapetes e pisos. Vinte e seis voluntários passaram uma demão de tinta nas paredes. Horas depois, mais 26 pintores deram uma segunda demão. Oito carpinteiros pregaram portais e rodapés. Uma equipe construiu uma rampa para cadeira de rodas. Os presentes foram embrulhados e a cama elástica, armada.



Uma árvore de Natal foi enfeitada. Um elfo, dono de uma concessionária, doou uma *van*. Outro doou várias prestações da hipoteca. Outros seguiram o exemplo, elevando o total a mais de 17 mil dólares. Cada prestação foi presa a um bilhete pendurado nos galhos da árvore.

Um último gesto de carinho estava aninhado dentro da árvore: um cartãozinho, impresso em letra cursiva, cortesia de um elfo que mantivera sua gráfica aberta até tarde.

Às 6h30, quando os primeiros indícios da manhã de Natal rajavam de rosa o céu, os presentes enfim ficaram prontos.

Um elfo novato, uma garota de seus 11 anos, apresentou a chave aos Bices mais tarde naquela manhã. “O que é isso?”, perguntou Perry. “Uma chave? De onde?”

Como um fantasma, o elfo sorriu, desejou-lhes Feliz Natal e se foi.

Perry teve a idéia de que talvez os elfos tivessem deixado os presentes na casa nova. Ele e Kathrine pegaram os filhos e foram para lá. Quando abriram a porta, mal puderam acreditar nas paredes iluminadas pelo sol, nos pisos e tapetes novos. As luzes da árvore os atraíram. Viram, então, as prestações da hipoteca e ficaram admirados.

Depois de enxugar as lágrimas, Perry se afastou e tornou a olhar para a árvore. Foi quando notou o envelope apoiado num galho. Dentro estava o último presente – aquelas três palavras preciosas: “Deus ama vocês.”

Bice sorriu, assentiu com a cabeça e colocou o cartão bem no alto da árvore.

LEE HILL KAVANAUGH, *The Kansas City Star*

Solidariedade na fila

VÉSPERA DE NATAL de 2001. O supermercado em Cleburne, Texas, estava apinhado. Dezenas de pessoas aguardavam, impacientes, em longas filas nas caixas para comprar eletrodomésticos, bijuterias, brinquedos e roupas que no dia seguinte seriam tesouros debaixo da árvore de alguém.

A mulher na fila da caixa de Jeffrey Kandt parecia muito pobre. Suas roupas estavam gastas; as mãos eram as de alguém que trabalhara duro para obter o que tinha. Segurava apenas um artigo, enquanto aguardava com paciência na fila. O filho ganharia o único presente que pedira: um videogame PlayStation 2, da Sony. Ela economizara o ano inteiro. O valor do presente: quase 220 dólares.

Quando Kandt escaneou o código de barras em sua registradora, a mulher entrou em pânico. Onde estava o dinheiro? Não estava onde ela se lembrava de tê-lo colocado. Seu medo tornou-se palpável para os clientes na fila quando ela começou a chorar.

Por que na minha fila? pensou Kandt, vendo a mulher, desesperada, procurar o dinheiro em suas roupas. Ele teria de chamar a gerente para anular a venda e devolver o jogo à prateleira. Teria de fechar a caixa e esperar que ela viesse de outra parte do mercado lotado – nada que um gerente ou caixa de loja deseje numa véspera de Natal, com tanta gente esperando e o relógio marcando a contagem regressiva para o fechamento. *Vou chegar atrasado à igreja,* pensou Kandt.

Então algo incrível aconteceu. Do fim da fila, um homem tirou 100 dólares da carteira e os passou para a frente. À medida que o dinheiro seguia pela fila, uma nota de 20 dólares era acrescentada aqui, outra de 10 dólares ali.

Alguém surgiu com um punhado de notas de um dólar, tiradas do fundo do bolso de um jeans. Quando a coleta alcançou a caixa, Kandt contou: 220 dólares.

Estranhos haviam realizado o desejo de Natal de uma mãe pobre: dar ao filho o presente de seus sonhos.

E Jeffrey Kandt não se atrasou para a igreja. As pessoas na sua fila, naquela véspera de Natal, tinham se tornado uma só.

O despertar

O TELEFONEMA CHEGOU pouco antes do Natal. “Tenho uma notícia para lhe dar”, disse a avó de Cindy White Bull Boyer. Cindy sentiu que era sobre sua mãe.

As recordações passaram diante dela como instantâneos num álbum de retratos: uma menina dormindo num banheiro de hospital enquanto a mãe jazia imóvel, os olhos abertos mas sem nada ver; um irmão e uma irmã abraçando um corpo inerte, que não reagia; um marido e pai amortecendo o sofrimento com o álcool.

Quando Cindy desligou, seu marido perguntou:

– O que houve?

Pela primeira vez em 16 anos, estava tudo bem.

– Minha mãe acordou – disse ela, e as lágrimas começaram a correr.

Cindy tinha 10 anos quando tudo aconteceu. Uma garota levada que detestava balé, mas que dançava porque era essa a vontade da mãe.

“Eu vivia grudada nela”, recorda Cindy, “como um chiclete no sapato.”

Os White Bulls moravam numa propriedade de cerca de dois hectares no Novo México, nas redondezas de Albuquerque. O pai de Cindy, Mark, era operador de computador. A mãe, Patricia White Bull – que todos chamavam de Happi –, tinha uma beleza natural, os cabelos negros brilhantes e um sorriso luminoso. Fazia bijuterias em casa e, onde quer que fosse, as filhas Cindy e Jesse, 3 anos, e Flori, 1 ano, estavam sempre atrás dela.

Happi ia ter o quarto filho e uma cesariana havia sido marcada. Cindy se lembra da manhã quente de junho quando a mãe se despediu. “Até amanhã. Eu amo vocês.”

Entretanto, para a família White Bull, o “amanhã” foi cruelmente negado. Happi deu à luz um filho sadio, Mark Jr. Durante a recuperação, porém, a jovem mãe teve uma parada cardíaca. Os médicos não conseguiram reanimá-la antes que houvesse danos no cérebro. Happi, aos 27 anos, entrou em coma.

Os médicos disseram a Mark que não havia esperança. Mesmo assim, ele esperou três anos por alguma mudança. Então, em desespero, divorciou-se e mandou os filhos para Dakota do Sul, onde parentes ajudaram a criá-los.

Por uma década e meia, Happi permaneceu num limbo neurológico, viva mas sem viver. Ao se aproximar o Natal de 1999, um vírus causador de

gripes e resfriados propagava-se pelo Centro de Reabilitação e Enfermagem de Las Palomas. O Dr. Elliot Marcus receitou amantadina, um remédio contra a gripe às vezes usado para estimular pacientes com mal de Parkinson ou lesões cerebrais.

Vários dias depois, uma assistente estava arrumando os lençóis da cama de uma paciente quando a mulher se sentou e exclamou: “Não faça isso!” Era 21 de dezembro e Happi estava de volta ao mundo.

A família White Bull correu para o Novo México. “Via-se logo a diferença”, conta Cindy, hoje com 29 anos. “A fisionomia dela estava iluminada.” Happi ergueu os braços para abraçá-la. Quando as enfermeiras perguntaram se ela conhecia a visita, ela fez que sim e respondeu: “Cindy.”

Mas talvez o reencontro mais emocionante de todos tenha sido uma apresentação. Mark Jr. falou, enfim, com a mãe que não conhecia. Era a primeira vez que ouvia a voz dela.

Os médicos supõem que a amantadina tenha sido a responsável pelo despertar de Happi. No entanto, quando utilizada para tratar lesões cerebrais, ela em geral é ministrada logo após o trauma, e não anos depois. E qualquer retorno à consciência após tanto tempo é extremamente raro, afirmam os especialistas.

Para os filhos dos White Bulls, porém, o que lhes devolveu a mãe é menos importante do que seu retorno milagroso.

PAULINE ARRILLAGA, The Associated Press

Um Natal de qualidade

EU TINHA UM ORGULHO incrível de Emily, minha filha de 9 anos. Resolvida a comprar uma bicicleta, Emily tinha economizado a mesada durante o ano inteiro, além de realizar pequenas tarefas no bairro para ganhar mais uns trocados.

Até novembro ela juntara apenas 49 dólares. Implicando, eu disse:

- Você pode escolher uma das bicicletas da minha coleção.
- Obrigada, pai, mas as suas são muito velhas.

Ela estava certa. As minhas bicicletas femininas eram modelos dos anos 50. De qualidade, sim, mas não do tipo que uma garota de hoje escolheria.

Quando o Natal se aproximou, Emily e eu fomos pesquisar as bicicletas. Ainda longe de seu objetivo, ela escolheu vários modelos mais bara-



tos. Ao sairmos de uma loja, avistou um voluntário do Exército da Salvação, tocando seu sino animadamente.

- Podemos dar algum dinheiro, papai? - perguntou ela.

- Sinto muito, filha - respondi. - Estou sem trocados.

Emily continuou a trabalhar duro. Um dia, fez um anúncio espantoso.

- Sabem o dinheiro que venho poupando? Vou dar aos pobres.

- É muita bondade sua - disse Diane, minha mulher. - Mas você passou o ano todo economizando. Talvez devesse doar apenas uma parte.

Emily sacudiu a cabeça. E, numa fria manhã antes do Natal, sem alarde, deu suas economias - 58 dólares - a um voluntário do Exército da Salvação.

Comovido com o desprendimento de Emily, resolvi doar uma de minhas bicicletas antigas a uma agência de automóveis que estava recolhendo bicicletas usadas para as crianças pobres. Mas, enquanto escolhia um modelo da minha coleção, pareceu-me que uma segunda bicicleta adquiriria um brilho diferente. Deveria doar duas? Não, bastava uma.

Já no carro, não conseguia afastar a sensação de que devia doar uma segunda bicicleta. Dei meia-volta.

Quando entreguei as bicicletas, o dono da agência comentou:

- O senhor vai fazer duas crianças muito felizes. Tome seus bilhetes.

- Bilhetes?

- É. Para cada bicicleta doada, estamos dando uma chance de ganhar uma bicicleta de 21 marchas nova, masculina.

Por que não me surpreendi quando aquele segundo bilhete foi o ganhador? E por que não me surpreendi quando o dono da agência substituiu de bom grado a bicicleta anunciada por uma bela bicicleta feminina?

Coincidência? Talvez. Mas prefiro pensar que foi o meio que Deus encontrou para recompensar uma garota por um sacrifício que estava além de sua idade e, ao mesmo tempo, dar uma lição a seu pai.

ED KOPER em *Chicken soup for the Christian soul*

Farol da fé

QUANDO ROBYN STEVENS, 16 anos, pensou no que poderia dar de presente ao pai no Natal, reconheceu que as opções eram poucas: gravatas, meias, cintos. Então se lembrou do que a avó dissera sobre a utilidade das lanternas: “Você nunca sabe quando vai precisar de uma.”

Robyn pensou ter encontrado a solução. Ela comprou uma lanterna comum, de três pilhas. Achou que o pai ia gostar, sobretudo por ser à prova d’água – ele passava muito tempo no mar, pois fazia parte de uma tripulação de rebocadores em Hancock, no Maine.

Quando Arthur Stevens abriu seu presente na manhã de Natal, sorriu e perguntou: “Como você sabia que era disso que eu estava precisando?”

Numa noite fria de janeiro, Stevens estava a 40 quilômetros da costa, a bordo do rebocador *Harkness*. Ele e o amigo Duane Cleaves ajudavam o capitão Rudy Musetti a levar a embarcação para o porto, depois de terem rebocado barcaças ao largo do litoral sul do Maine.

Por volta das 18 horas, a temperatura começou a baixar drasticamente. Com ventos de 60 km/h, a sensação térmica era de 43 graus negativos. Alguns minutos depois, a popa começou a fazer água. Musetti descobriu que a bomba de porão tinha congelado. A essa altura, o rebocador jogava violentamente nas ondas de 3,5 metros e os conveses eram puro gelo. Para piorar, a tripulação tinha ainda de enfrentar a neblina, provocada pela diferença de temperatura entre o oceano e o ar.

O capitão Musetti chamou pelo rádio o posto da Guarda Costeira em Southwest Harbor: “*Mayday, mayday!* Estamos afundando.”

O *Harkness* começava a submergir ao largo da Ilha Matinicus, onde as poucas famílias que passavam lá o inverno davam início ao jantar. Vance Bunker, residente na ilha, ouviu as conversas pelo rádio entre a tripulação do *Harkness* e a Guarda Costeira, e sabia que os três homens a bordo não tinham a menor chance naquelas condições – o rebocador estava longe demais para que a Guarda Costeira o alcançasse a tempo.

Ele e mais dois pescadores de lagosta, Rick Kohls e Paul Murray, saíram no *Jan-Ellen*, o barco de pesca de 36 pés de Bunker. Além de não estarem certos da localização exata do rebocador, com a neblina e o pára-brisa congelado só o que podiam fazer era avançar no escuro.

Por volta das 19 horas, a tripulação do *Jan-Ellen* ouviu a última transmissão do *Harkness*: “Vamos afundar”, comunicou o capitão Musetti.

A certeza de que os três homens tinham acabado de se afogar deixou Rick Kohls enjoado. Nesse momento, ele avistou algo estranho. Atravessando a neblina, havia um fino raio de luz. Kohls gritou para Bunker e Murray: “Olhem! Sigam aquela luz!”

Bunker não conseguia enxergar através do pára-brisa, mas seguiu as instruções de Kohls até depararem com algo que os deixou boquiabertos: ali, na água gelada, estavam três homens de braços dados, grudados a uma escada que se soltara dos destroços do *Harkness*.

Tremendo violentamente, Arthur Stevens havia muito perdera a capacidade de segurar o que quer que fosse. Mas o frio gélido dera aos homens uma estranha oportunidade: congelada nas costas da luva de Duane Cleaves estava uma pequena lanterna à prova d’água. Seu fecho de luz apontava diretamente para o céu – um farol para aqueles que haviam tido a fé e a coragem de segui-lo.

MARGOT BROWN MCWILLIAMS, *Woman’s Day*

APROVEITANDO A OPORTUNIDADE

Minha filha teve de escrever uma redação na escola. Escolheu o tema “Minha avó, minha heroína”. Sugeri que ela enviasse uma cópia por *e-mail* à avó, o que ela fez logo, acrescentando: “A senhora recebeu minha lista de presentes de Natal?”



YOKE KENNEDY, Canadá